UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT
FACULDADE DE LETRAS, CIÊNCIAS SOCIAIS E TECNOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANÁLISE DOS CONTOS “MOTIVO FÚTIL”, “VIÚVA NEGRA” E “SEGUNDA MORTE”, DE EDUARDO MAHON

KÁSSIA KIS MARTINS ALVES

ALTO ARAGUAIA

2016

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT
FACULDADE DE LETRAS, CIÊNCIAS SOCIAIS E TECNOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANÁLISE DOS CONTOS “MOTIVO FÚTIL”, “VIÚVA NEGRA” E “SEGUNDA MORTE”, DE EDUARDO MAHON

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito para obtenção dos créditos da disciplina de TCC II, sob a responsabilidade da Professor Dr. Paulo Cesar Tafarello, para o curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat.

Professora Orientadora: Drª Cláudia Coelho

ALTO ARAGUAIA

2016

KÁSSIA KIS MARTINS ALVES

ANÁLISE DOS CONTOS “MOTIVO FÚTIL”, “VIÚVA NEGRA” E “SEGUNDA MORTE”, DE EDUARDO MAHON

ALTO ARAGUAIA – MT, _____/_____/_____

_____	_____
Prof.ª Dr. ª Cláudia Coelho (Orientadora)	Nota
_____	_____
Prof. Dr Isaac Newton Almeida Ramos	Nota
_____	_____
Profª M. Shirlene Rohr de Souza	Nota

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Wilson Candido Alves, que incansavelmente me falou sobre o valor da educação, sobre a necessidade de não desistir nunca, independente das dificuldades. Ele que sempre me olhou nos olhos, exigindo de mim que eu fosse além, que jamais permitiu que eu estivesse acomodada. Também à minha mãe, Lucilene Martins Loura, que foi amor, paz, tolerância, silêncio e conforto no momento certo e na medida certa. Foi ela quem aguentou todos

os altos e baixos vividos por mim sempre, e principalmente na finalização do curso.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada....
Inicialmente a Deus, que cuidou de mim, e colocou pessoas maravilhosas ao meu lado para me auxiliarem, me protegerem, me orientarem...
À Universidade do Estado de Mato Grosso, por ter me proporcionado os melhores anos acadêmicos que já tive.
A professora, Claudia Coelho, pela paciência, conselhos e orientações que tivemos dentro e fora da sala de aula. Por ter acrescentado tanto a minha vida intelectual, e que soube deixar boas 'marcas', ainda que não tenha consciência disso.
A professora Flávia Santana, que além de ter sido uma grande amiga, foi quem me mostrou ainda no Ensino Médio, o quanto eu amava Língua Portuguesa e Literatura, e foi também quem acreditou em mim, em uma fase tão conturbada que é a adolescência.
Ao meus pais, por terem me oferecido amor, que me foi exemplificado de diversas maneiras...
Ao meu marido, por jamais me deixar desistir, por sempre me entender e me apoiar.
Aos meus poucos amigos, em especial, Cristielly, Alessandra, Gedy e Cálita, porque souberam ser força, companhia, ajuda... Em meio a tantas dificuldades, longe de casa, o que nos resta é ter amigos, que nos amam de verdade, e que estão conosco para o que der e vier, apesar de nossos defeitos e 'oscilações de humor'.

Obrigada!

"Tenha sempre um livro ao alcance do seu tempo." - Cora Coralina

SUMÁRIO

Introdução..... 07

I - A literatura Matogrossense e o tema da morte..... 09

1.1 - Panorama da literatura de Mato Grosso..... 09

1.1.1 O Princípio..... 09

1.1.2 Início do Século XX..... 10

1.1.3 Atualidade..... 13

1.2 - O tema da morte na literatura..... 15

1.2.1 A Expressão Literária dos Ritos Funerários..... 17

1.2.2 A Morte nos Períodos Literários..... 18

II- Particularidades do conto: surgimento e características..... 20

2.1 Pressupostos Teóricos..... 20

2.2 A Historicidade do Gênero Conto..... 22

2.3 Características do Conto..... 26

III - Análise dos contos selecionados..... 30

3.1 Materiais, Métodos e Delimitação da Análise..... 30

3.2 Sobre o Autor e a Obra..... 31

3.3 Análise do Conto “Motivo Fútil”..... 33

3.4 Análise do Conto “Viúva-Negra”..... 35

3.5 Análise do Conto “Segunda Morte”..... 36

Considerações finais..... 39

Referencias..... 41

Anexos..... 43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico tem embasamento nos conteúdos adquiridos no curso de Licenciatura Plena em Letras no *Campus* de Alto Araguaia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Dessa maneira a pesquisa traz a proposta de renovar e ampliar o conhecimento da literatura de Mato Grosso, todavia, partindo da aprendizagem da literatura enquanto ferramenta da realidade em que o sujeito está inserido. Nesse sentido, também busca os aspectos implícitos do texto em seus aspectos sociais e culturais.

Tomando como objeto de análise os contos “Motivo Fútil”, “Viúva-Negra” e “Segunda Morte”, da obra *Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte*, de Eduardo Mahon, o presente estudo trata do tema da morte, que sempre intrigou a curiosidade humana sobre o desconhecido e o místico. Inserido de forma cada vez mais natural e significativa no cotidiano por meio da literatura. Daí se dá a pertinência da pesquisa, indo além dos aspectos literários e chegando mesmo aos aspectos socioculturais.

Para tanto, a fundamentação teórica do trabalho se divide em duas partes: no primeiro capítulo se trabalha o tema morte na literatura mato-grossense, traçando um histórico da produção literária de Mato Grosso desde o descobrimento do Brasil, passando pelo século XX, até a atualidade. Também se discute sobre a morte dentro dos diferentes períodos literários, assim como a significação dos ritos funerários. Dessa forma, parte-se dos enunciados místicos e filosóficos até se chegar à ficção, mostrando as diversas visões da morte de acordo com o período histórico.

É importante lembrar que, conforme explica Silva (2010), a valorização da morte dentro de uma obra literária depende, entre outros fatores, da coerência da visão de mundo expressa no texto em relação ao tempo e o espaço em que está inserido, bem como a consciência coletiva predominante no período histórico.

No segundo capítulo busca-se debater sobre os pressupostos teóricos do gênero conto, bem como sua historicidade e características. É preciso ter em mente que o conto é um texto ficcional, geralmente curto e conciso, que cria um universo de seres e acontecimentos. Sua narrativa é composta por diversos elementos, tais como narrador, personagens, ponto de vista e enredo, a fim de desenvolver uma história

progressivamente, com um clímax e um desfecho, tendo em conta a referência do mundo real.

Por fim, no terceiro capítulo passa-se à análise e discussões sobre os contos selecionados. Primeiramente, discorre-se acerca da metodologia utilizada para a escolha e análise dos referidos contos para depois analisa-los de acordo com a preocupação com os aspectos literários, estilísticos, culturais e sociais com os quais Mahon discorre a respeito do tema da morte.

A obra passa histórias de vida e de morte de maneira simples, muito bem contextualizadas na literatura de Mahon em *Dr. Funéreo e outros contos de morte*, com um viés que mistura comédias, tragédias e pura ficção que despertam a curiosidade no leitor, pelo inusitado, pelo temor, pela simples diversão ou reflexão, por meio da única certeza que o ser humano tem nesta vida, a morte.

1. A LITERATURA MATO-GROSSENSE E O TEMA DA MORTE

Para tratarmos da obra de Eduardo Mahon, autor ainda pouco estudado pela academia, dentro do cenário da literatura mato-grossense, é preciso compreender como se deu a consolidação desse cenário ao longo do tempo, desde a época da colonização, passando pelo adensamento desse acervo ao longo do século XX, até o início do século XXI, quando o autor lança sua obra de contos, objeto de nossa pesquisa. Nesse sentido, apresentamos, num primeiro momento, um panorama geral da literatura do estado de Mato Grosso, trazendo algumas considerações importantes sobre sua trajetória e evolução até os dias atuais. Após isso, tratamos da temática da morte dentro da literatura, tendo por base autores como Paulo Pitaluga e João Carlos Ferreira (2008), Fábio Melo (2007), Necilda de Souza (2003), Hilda Magalhães (2001), Rubens de Mendonça (2005), dentre outros.

1.1 Panorama da Literatura de Mato Grosso

1.1.1 O Princípio

De acordo com Pitaluga e Ferreira (2008) as primeiras manifestações literárias da região onde seria o estado de Mato Grosso datam ainda do século XVI, quando Ulrich Schmidl, que servia ao exército espanhol, descreveu sua trajetória subindo o rio Paraguai pelo Pantanal até perto do Chapadão do Parecis em sua obra *Derrotero y Viaje a España y las Indias,* publicada a primeira edição em latim, em 1599. Ainda no século XVI vários outros expedicionários espanhóis estiveram em solo mato-grossense, descrevendo suas aventuras que posteriormente foram publicadas.

Ao longo do século XVII esses acontecimentos foram se reproduzindo, o território pertencia ao domínio espanhol, com uma única obra que realmente citava a região, *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Rio de la Plata*, de Ruy Dias de Gusmán, que mesmo sendo escrita em 1612, só foi publicada em 1833. Pitaluga e Ferreira (2008) afirmam que no século XVIII, pode-se observar quatro grandes publicações que fazem referência a Mato Grosso: *Relação e Breve Notícia de um bicho feroz que apareceu à gente que foi para o Mato Grosso*, autor anônimo

sem data; *Relação curiosa do sítio do Grão Pará e terras do Mato Grosso...* anônimo sem data; *Relação de chegada que teve a gente de Mato Grosso...* anônimo de 1754; *Relação e Notícia da gente que nesta segunda monção chegou ao sítio do Grão Pará e às terras do Mato Grosso...* escrita por Caetano Paes da Silva e publicado em 1754.

No século XVIII também temos o primeiro cronista mato-grossense, José Barbosa de Sá, que deu início ao ciclo dos cronistas no estado. Ele escreveu em 1755 a obra *Relação da Povoação do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os tempos presentes*, que só foi publicada no século XXI. Outro grande cronista mato-grossense do século XVIII foi Joaquim da Costa Siqueira, que escreveu *Crônicas do Cuiabá* e também *Compêndio Histórico Cronológico de Cuiabá,* publicados em 1850. No século XIX pode-se destacar a figura erudita de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, que com 36 títulos escritos sobre Mato Grosso, sobressaem *Apontamentos Cronológicos da Capitania de Mato Grosso*, *Vias de Comunicação de Mato Grosso* e *Breve Memória relativa à Corografia de Mato Grosso*.

Muitos outros cronistas estiveram em Cuiabá e Mato Grosso ainda no primeiro século da ocupação do estado, como João Antônio Cabral Camelo, Felipe José Nogueira Coelho e José Gonçalves da Fonseca. Posteriormente ao século XVIII foram publicados inúmeros trabalhos a respeito de Mato Grosso, tais como relatórios e viagens e demarcações de fronteiras. Contudo, conforme explicam Pitaluga e Ferreira (2008) somente no final do século XIX, com o início do ciclo dos viajantes, é que começa a produção de trabalhos etnográficos.

1.2.2 Início do Século XX

Os trabalhos etnográficos despontaram e dominaram o cenário literário sobre Mato Grosso na primeira metade do século XX, com Joaquim Ferreira Moutinho que escreveu *Notícias sobre a Província de Mato Grosso*; Bartolomé Bossi, com *Viage Pintoresco...*; o Visconde de Beaurepaire-Rohan com *Anaes de Mato Grosso*, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo de 1910; Dr. João Severiano da Fonseca escreveu *Viagem ao Redor do Brasil*; Karl von den Steinen, cientista alemão que escreveu *O Brasil Central* e outros trabalhos que marcaram o Ciclo dos Viajantes.

Dentre os muitos trabalhos históricos das primeiras décadas do século XX, vale ressaltar a de Estevão Mendonça, *Datas Mato-grossenses*, e também os 109 títulos do historiador Virgílio Corrêa Filho, sendo a maior a *História de Mato Grosso*, além de *As raias de Mato Grosso*, *Augusto Leverger - o Bretão Cuiabanizado*, *Joaquim Murtinho*, *Pedro Celestino* e outras de cunho historiográfico.

Também merece destaque Dom Francisco de Aquino Corrêa, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, foi um dos maiores propagadores da língua portuguesa no Brasil, produzindo sermões, poesias, crônicas e história no mais refinado vernáculo. Ele foi o autor da letra do Hino de Mato Grosso. Foi ainda membro da Academia Brasileira de Letras.

Pitaluga e Ferreira (2008) citam também o Desembargador José de Mesquita, que despontou como um dos grandes literatos mato-grossenses. O General Cândido Mariano da Silva Rondon, que relatou as suas experiências pelos sertões de Mato Grosso, pacificando índios e estendendo linhas telegráficas, com mais de 20 trabalhos que foram todos publicados pela Comissão Rondon.

O maior historiador regional mato-grossense, que também foi poeta e cronista do quotidiano do povo cuiabano, Rubens de Mendonça, herdou a veia literária de seu pai, Estevão de Mendonça, escrevendo mais de 50 livros que contribuíram para delinear a história de Mato Grosso, como *História de Mato Grosso*, *História do Comércio em Mato Grosso* e *Sátiras na Política de Mato Grosso*. Ele foi Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso até 1993, ano de seu falecimento.

Mendonça (2005) entende e revela ao leitor uma poesia mato-grossense desde o período colonial até o século XX, compreendendo os bastidores dos poemas e explicando-os. Dessa forma, ele elabora uma diacronia que expressam os aspectos de sua leitura de forma a guiar o leitor, seu compromisso com a forma da escrita poética foi importante à literatura do Estado. Com uma linguagem mais espontânea, conseguiu atender ao apetite romanesco de massas de jovens leitores e leitoras; no Romantismo mato-grossense predominou a poesia, com a preocupação estética cristalizada na preferência pela forma clássica do soneto.

Da poesia Mendonça passou à prosa, o historiador trata também da produção popular, com o título *Os Troveiros do Sertão.* O crítico cita as quadras com suas estórias folclóricas que tratam do amor, da mulher morena, do sertanejo, como

também cita os desafios do repente. Assim, o crítico transmite ao leitor uma visão do cânone literário de seu tempo que não aceita a produção oral e que reconhece na literatura apenas a arte das palavras.

Outro importante nome da literatura de Mato Grosso no século XX é o da Professora Hilda Magalhães (2001), que faz uma análise do perfil cultural da cidade de Cuiabá. Segundo ela, enquanto Cuiabá permaneceu isolada dos grandes centros do país, durante o término da Guerra do Paraguai até a Revolução de 30, viveu intenso brilho e notável desenvolvimento cultural, com a criação de um grande número de instituições de ensino, associações culturais, dentre elas o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Mato-grossense de Letras.

Todavia, com a melhoria do sistema de transporte e comunicação no Brasil a cidade cai num processo de estagnação cultural. A autora observa exatamente essa literatura a partir da década de 30, com seu florescer propriamente dito no estado. O surgimento do Movimento Graça Aranha em Cuiabá, traz publicações como O arauto da juvenília, dirigida por Silva Freira, Ganga, de Wlademir Dia Pino e Rubens de Mendonça, e Sara, de Wlademir Dias Pino, contudo, o movimento fracassa e impõe o isolamento dos escritores mato-grossenses.

Magalhães (2001) explica que o fluxo da produção literária em Mato Grosso volta a ganhar folego com o início da divisão do estado, com as políticas de apoio à agropecuária em Mato Grosso, e o fluxo migratório de sulistas e gaúchos para o estado, assim como também o aumento da população mato-grossense. A professora analise a literatura estadual de 70 a 90 como com uma nova fisionomia política e geográfica, justamente pela divisão do estado e um intercâmbio mais intenso com o estado de São Paulo, também uma maior participação da mulher no cenário cultural do estado e o predomínio do romance e da poesia na historicidade literária de Mato Grosso.

Por fim, temos Luís Philipe Pereira Leite, historiador emérito com 37 títulos publicados acerca de nossa historiografia regional, e nomes Antônio Corrêa da Costa, Firmo José Rodrigues, João Barbosa de Faria, Antônio Fernandes de Souza, Francisco Alexandre Ferreira Mendes, Lécio Gomes de Souza, Antônio de Arruda, J. Lucídio Nunes Rondon, Lenine Póvoas, dentre outros. Estes tornaram-se a base para literatura do estado contemporâneo de Mato Grosso, que será trabalhado no próximo tópico.

1.1.3 Atualidade

Para Magalhães (2001) a literatura mato-grossense contemporânea se divide em dois momentos: antes e depois da divisão do estado. Antes da divisão político-administrativa do estado as obras mais importantes são as de Rubens de Mendonça, *História da literatura mato-grossense* (1970), e de Lenine Povoas, *História da cultura mato-grossense* (1982), ambas de cunho historiográfico. Segundo a autora estes textos são na verdade uma compilação de dados históricos de Mato Grosso, fazendo uma relação minuciosa das produções literárias dos séculos XVIII e XIX, com informações importantes sobre a cultura do estado e da vida em sociedade naquela época.

> Dessa maneira, pode-se dizer que a produção literária de Mato Grosso, antes da divisão política (1977), e o Decreto que legalizou a separação é de 1979, era um misto de arte da palavra com história. A nós interessa compilar a história da literatura de Mato Grosso buscando enfatizar as características estruturais e conteudísticas que a legitimam enquanto diferença no cenário literário nacional. (MAGALHÃES DUTRA, 2001, p. 83)

Segundo Pitaluga e Ferreira (2008), no aspecto historiográfico, com imagens fotográficas importantes da região de Mato Grosso, vale a pena ressaltar o conteúdo produzido por Marcos Bergamasco, Mário Friedlander, Júlio Rocha, José Maurício, Marcos Vergueiro, Laércio Miranda, Wieslaw Jan Syposz, Márcio Moreira, Mário Vilela, Maria de Lourdes Silva Ramos, dentre outros. Na erudição, intelectualidade e sensibilidade poética se destacam os trabalhos de Pedro Trouy, Antônio Tolentino de Almeida, Otávio Cunha, Ulisses Cuiabano, Ricardo Guilherme Dicke, José Raul Vila, Maria de Arruda Müller, Dunga Rodrigues, Franklin Cassiano Silva, Carlos Vandoni de Barros, João Antônio Neto, Lobivar de Matos, Euricles Mota, Tertuliano Amarília, Silva Freire, Ronaldo Castro, Ivens Cuiabano Scaf, Marilza Ribeiro, Luciene Carvalho e Lucinda Persona, representando sucessivas gerações de brilhantes poetas que cantam a terra e o povo de Mato Grosso.

Apesar das referências atuais Magalhães (2001) acredita que as produções literárias mato-grossenses ainda não têm se mostrado suficientes para despontar uma referência nacional. Todavia, tem exercido com excelência o papel de ferramenta de compreensão das transformações culturais do estado.

Ao citar Siqueira (1990) Magalhães (2001) afirma que, no que se refere à cultura e literatura, Mato Grosso tem grandes produções na atualidade, principalmente graças ao desenvolvimento econômico do estado após sua divisão, que gerou um fluxo migratório de pessoas vindas do sul e sudeste do país, quando o estado passa por um processo de intensificação de atividades culturais. Nesse contexto surgem a literatura infanto-juvenil e produções poéticas que abarcam a questão fundiária e outras temáticas universais, como o erotismo, a metalinguística e os temas da pós-modernidade.

A autora considera que a própria pós-modernidade, com seus meios digitais e processos globalizatórios, contribuiu para levar as problemáticas mato-grossenses para outras regiões do Brasil, dando um caráter universal para a literatura e cultura de Mato Grosso. Atualmente, o quadro literário de Mato Grosso está centrado mais nas contradições internacionais com as questões internas, como o desenvolvimento agrário, político e econômico, atuando para a universalização dessas questões recorrentes do estado.

Para Pitaluga e Ferreira (2008) nas letras contemporâneas de Mato Grosso de forma geral destacam-se os trabalhos de Aclise de Mattos, Agenor Leão, Agrícola Paes de Barros, Amidicis Tocantins, Antonio Sodré, Antonio Tolentino, Arnaldo da Silva Carmelo, Arnaldo Serra, Benedito Pinheiro de Campos, Benilde Borga de Moura, Carlos Frederico Moura, Carmindo de Campos, Clodoaldo de Campos, Clodoaldo D'Alincourt, Clóvis Ramos, Corsíndio Monteiro da Silva, Danilo Fochesatto, Danilo Zanirato, Débora Prazeres Dore, Dick Marques, Domingos Sávio Brandão Lima, Eduardo Ferreira, Edivaldo Barbosa (Dizé), Ezequiel de Oliveira, Francisco de Leal Queiroz, Gervásio Leite, Guilhermina de Figueiredo, Ilto Silva, Irmar Arruda e Sá (Neneto), Isac Povoas, João Hamilton, Joca Reiners Terron, Jorcy Dreux, Jorge Fonseca JR., Jorge Tolim, José de Mesquita, Josué Marcílio, Juliano Moreno, Lamartine Ferreira Mendes, Lenine Rocha, Lorenzo Falcão, Luiz Zeferino, Luiz Carlos Ribeiro, Manoel de Barros, Maria Aparecida Vaz Adrade, Maria Ligia Borges Garcia, Maria Conceição Oliveira, Martha Baptista, Mário César Silva Leite, Marta Helena Cocco, Mirian Botelho dos Santos, Moisés Martins, Nilo Povoas, Octávio Cunha, Odoni Grohs, Oscarino Ramos, Paulo Ferraz, Renato Baez, Romulo Carvalho, Rosário Congro, Sebastião Carlos Gomes de Carvalho, Soter Caio de Araujo, Valdeci Motta, Valter Figueira, Zenaide M. Farias, Wagner Bezerra, Wander Antunes, Weller Marcos da Silva, Wladimir Dias Pino, dentre outros.

Por fim, a literatura de Mato Grosso acompanhou os acontecimentos nacionais e internacionais e absorveu os aspectos da pós-modernidade nas últimas décadas, a poética mato-grossense passou a tratar de temas que vão desde a epifania até a questão da morte, ao mesmo passo que a literatura nacional. O tema da morte sempre foi recorrente na literatura, exprimindo o medo do desconhecido, o qual todos temem e respeitam, portanto passemos no próximo tópico a tratar do tema da morte na literatura.

1.2 O Tema da Morte na Literatura

A morte sempre foi um tema recorrente na filosofia e na arte, assim como no imaginário humano por representar o desconhecido e despertar a curiosidade de desvendar o seu próprio conceito. Fábio Melo (2007) diz que principalmente a civilização ocidental aprendeu ao longo da história a respeitar e admirar a morte, e mesmo em alguns casos até a deseja-la. Não há dúvida de que a convivência com a morte está presente em nosso cotidiano, assim sempre houve pertinência em trabalha-la tanto nos aspectos sociais e culturais quanto no literário.

Edgar Morin, em sua obra *O Homem e a Morte* (1997), é um grande pensador dessa temática, investigando a complexa relação sugerida pelo título. O trabalho de Morin possui um eixo antropobiológico, expresso na dualidade da morte-renascimento, no que o autor concebe como antropologia da morte, compreendida como essência do fenômeno humano.

Em sua antropologia da morte, Morin (1997) mobiliza a pré-história, a etnologia, a história, a sociologia, a psicologia e a psicologia da infância, colocando o homem como a única espécie que acredita na sobrevivência após a morte, e por isso, acompanha a morte com um ritual funerário. Para Morin, as sepulturas são dados fundamentais da morte humana e da própria essência da existência do homem.

Lira (2010) cita Blanchot para afirmar que todo esforço do homem para renegar a morte é renegar a sua essência, pois, vista dentro de um conjunto de aspectos do ser, a morte é apenas o encerramento biológico, que não limita a palavra e o imaginário. A palavra, assim, configura uma negação do findar do homem, ou seja, ela tira o vazio que representa o fim e cria sentido para o que foi e suposições sobre o que pode ser o desconhecido da existência humana.

> Portanto, é precisamente dizer, quando falo: a morte fala em mim. Minha palavra é a advertência de que a morte está, nesse exato momento, solta no mundo, que entre mim, que falo, e a pessoa que interpelo aquela surgiu subitamente: ela está entre nós como a distância que nos separa, mas essa distância é também o que nos impede de estar separados, pois nela reside a condição de todo entendimento. Somente a morte me permite agarrar o que quero alcançar; nas palavras, ela é a única possibilidade de seus sentidos (BLANCHOT apud LIRA, 2010, p. 6).

Para Morin (1997) outras espécies, além da humana, conhecem a morte e por isso têm o instinto de defesa, de sobrevivência. Todavia, somente a espécie humana a nega, justamente por conhece-la, seja pelo comportamento seja pela palavra. O risco de morte é também um paradoxo para ele, pois ao mesmo tempo em que tem horror da morte, o indivíduo se expõe a ela. Na guerra, por exemplo, corre-se o risco de morte por martírio, por prestígio, por orgulho, por valores.

Para Silva (2010) a morte como fenômeno físico, que tem sido exaustivamente estudada ao longo dos avanços da ciência, se torna, contudo, impenetrável, quando nos remetemos a sua aceitação, ao passo que a consciência tem levado o homem a ficcionalizar a morte, dando-lhe traços humanos, capacidade de sentimentos e de convivência física entre os homens. Para ela a morte é sem dúvida elemento da ficção humana, que tenta sob diversos aspectos imitar a vida. Ela é personagem presente na arte literária e plástica, criada a partir do que o homem concebe como significado de morte.

Dessa maneira, a morte adentra na literatura a partir dos ritos funerários, que passaremos a estudar no próximo tópico.

1.2.1 A Expressão Literária dos Ritos Funerários

Para Morin (1997) o luto e os ritos funerários são uma forma que garantir a sobrevivência da memória de quem partiu, por isso é que a sociedade moderna tentar manter essas expressões sociais idênticas às do limiar da idade moderna. Os antigos acreditavam que a alma se manifestava enquanto a pessoa dormia através da sombra e do reflexo, isto por sua vez deu origem a várias superstições. A alma era tratada como um duplo, uma espécie de alter ego que a pessoa sentia ao longa da vida, não

se confundindo com uma mera cópia da realidade. Para os povos primitivos esses duplos coabitavam o mundo dos vivos, portanto, daí vem a preocupação com a forma como os vivos tratavam o corpo daqueles que faleciam.

De acordo com Souza (2003):

> Existe atualmente uma enorme diversidade de práticas relacionadas ao cadáver, das quais as mais conhecidas são a incineração e a inumação, utilizadas desde a pré-história. Além deles, há também o embalsamamento, o endocanibalismo. Em todos esses métodos percebe-se uma preocupação do vivo com a decomposição e todos tendem a garantir a "melhor sobrevivência do duplo. (SOUZA, 2003)

Segundo a autora, nas mais variadas crenças contemporâneas o morto não está sob a terra, mas perto dos túmulos, nas casas onde viveram. Estão presentes, por exemplo, no dia de finados. Para alguns, existe a ideia de que os seres espirituais podem viajar para o inferno ou para o reino dos céus ou até se transformar em deuses. Segundo Morin (1997) aí recai o surgimento do espiritismo como doutrina e é um exemplo de crença no duplo, com ou sem a interposição dos médiuns (necromantes aptos à comunicação hipnótica com o além).

Para Lira (2010) os ritos funerários são o modo como o homem está unido à morte num acontecimento biológico e social que por vezes é tema expressado na literatura, no elo da palavra. Esses ritos constituem um processo social onde destino e morte vibram em conjunto, pois significam o fim do desenrolar do enredo de uma história, o desdobrar do tempo, em que o que é e o que se busca vem se delimitar.

Dessa forma, Melo (2007) afirma que a morte e as questões pós-morte não existiam da maneira como as conhecemos. Apesar de a morte estar sempre presente em quase todas as fases da criação literária do ocidente, ela foi se delimitando através dos tempos até chegar ao imaginário que temos hoje, como veremos no tópico que se segue.

1.2.2 A Morte nos Períodos Literários

O estudioso Paulo Melo (2007) faz, em seu artigo *A morte na literatura*, um panorama das diversas formas que o tema da morte foi enfocado na literatura, desde o período clássico até a Modernidade. Esse panorama é importante para entendermos

as diversas formas que a literatura retratou o tema da morte, de acordo com a evolução filosófica, sociológica e científica da humanidade.

Segundo o autor, no período clássico, nas produções de contexto greco-romano, a religião politeísta da época contribuiu para que a morte fosse desvinculada da espiritualidade. Dessa forma a morte representava o fim da existência, o encerramento do ser. O teatro de tragédia relatava isso, onde a morte sempre assombrava os personagens. A morte era vista então como a forma definitiva de encerrar as coisas, sendo uma punição para o vilão, uma glória para o mocinho e uma união para os amantes separados na terra. Nessa época ainda não existia o conceito de espírito que se tem hoje.

No período Medieval, que se caracteriza pelo domínio do cristianismo, Melo (2007) destaca que a morte passou a ter um caráter espiritualizado. Para os cristãos a morte não seria um fim, mas um julgamento para a eternidade. Dentro da literatura oral surgiram lendas de pessoas que voltavam dos mortos, crença tão forte que acabou gerando várias superstições em torno da morte. A Divina Comédia, de Dante Alighieri, é a obra mais famosa dessa época, criticando a igreja, a sociedade e a morte. Na literatura oral temos Beowulf, na Inglaterra, com suas obras sobre a visão nórdica sobre a morte. No final do período houve as novelas de cavalaria trazendo o tema da morte como algo nobre.

Ainda segundo Melo (2007) no Renascimento, há a volta ao padrão helênico-latino de pensamento literário. Apesar dessa idade ainda ser marcada fortemente pelo cristianismo, este ganha novas ideias de expansão e liberdade, nas quais a morte seria algo a ser vencido e temido. Em Portugal temos Camões, com a obra *Os Lusíadas*, e na Inglaterra temos Shakespeare, com obras que colocavam a morte como punição e mais tarde seriam adotadas nos romances góticos.

Já o Romantismo trouxe o eu literário para a prosa, a morte passa a ser uma mistura da visão da Idade Média e do Barroco. Passou também a levar a dramaticidade para o teatro, carregando as peças de subjetividade. A morte então ganha novos contornos, funcionando como uma forma de fuga, de libertação deste mundo imperfeito para um mundo idealizado, e o romance gótico fortaleceu essa ideia, com o pessimismo e as lendas, que evocaram o mistério e o medo das pessoas pela morte.

Conforme argumenta Melo (2007), os movimentos do Realismo e Naturalismo se voltaram para a realidade do mundo. A morte aqui fulgura como uma consequência

por algum ato, de forma mais real e plausível possível. Isso é decorrente das evoluções cientificas e tecnológicas, além de uma revolução no campo das humanidades. A morte se vê despida de toda a teatralidade do Romantismo. As doenças também são vistas como causa da morte.

Ainda segundo o autor, o Modernismo trouxe novas formas de encarar o tema da morte, as obras passaram a contar com inúmeras formas de representa-la. O Expressionismo trouxe uma visão grotesca da morte, com doenças, sangue e ferimentos, criticando as guerras e os conflitos humanos. A morte adquire então um caráter espiritual, social e de revolta. As visões dos autores são as mais variadas, sendo quase impossível de serem catalogadas.

Assim, a morte é uma temática sempre presente na história da cultura humana, presente nas manifestações artísticas e literárias, das mais diferentes formas. Como nos contos, onde a morte é retratada como algo assustador e mórbido, como passaremos a estudar, em suas características e surgimento, no capítulo seguinte.

2. PARTICULARIDADE DO CONTO: SURGIMENTO E CARACTERÍSTICAS

Neste capítulo analisaremos o gênero textual conto, explanando sobre sua historicidade e suas características, como a figura do narrador e a configuração das

personagens. Para tanto, utilizaremos autores como André Jolles, Nadia Gotlib, Vladimir Propp, Julio Cortazar, Walter Benjamin, Beth Brait e Antonio Candido.

2.1 Pressupostos Teóricos

Ao ler o livro *Doutor Funéreo e outros contos de morte* nota-se o caráter impressionista do texto que prende a atenção leitor, assim como o tamanho dos contos.. No mundo atual onde ter tempo é regalia, um privilégio, Eduardo Mahon propõe textos de linguagem simples e ao mesmo tempo muita rica, onde ele consegue oferecer esse "universo maravilhoso, cheio de moralidades e de sentimento de justiça", lidos em uma assentada só, que é a proposta do conto.

É importante ressaltar que, conforme explica Benjamin (1994) o gênero conto está dentro da narrativa e narrativa vem do latim e significa conhecer, transmitir informações. Processos que fazem parte do indivíduo desde que esse compreende a realidade em que está inserido. Para o teórico quando o sujeito emite um parecer sobre determinado tema ele próprio precisa ter sua experiência sobre o assunto, contudo, ele afirma que a prática está cada vez mais substituindo a teoria, a experiência o ato de narrar, com o passar do tempo, não haverá mais experiência, ou sabedoria, a serem narradas, principalmente no decorrer do século XX, com as guerras que acabaram com a historicidade do indivíduo.

Para Benjamin (1994), devido ao desenvolvimento de sua trajetória, o romance é diferenciado:

> O romance é diferenciado de todas as outras formas de prosa: ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. (...) O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. (BENJAMIN, 1994, p. 202)

Para o autor, o próprio desenvolvimento do romance tinha como essência a experiência e a vivência do narrador. Bakthin (1998) afirma que gênero romanesco, que deu origem ao conto, possui um papel peculiar na análise do discurso, pois, no romance são desenvolvidas as possibilidades de plurilinguismo (múltiplas formas de linguagem e de perspectivas ideológico-verbais dentro da estrutura narrativa), no qual o autor tem a possibilidade de adentrar no discurso do outro.

Segundo André Jolles, o conto foi bastante discutido, empregado em diversos idiomas e dialetos com palavras diferentes, mas todas concordavam entre si, em alto-alemão a palavra *märchen* era usada para nominá-lo. Foi graças aos irmãos Grimm que o conto adotou verdadeiramente o sentido de forma literária, onde em uma coletânea de narrativas eles deram o nome de *Kinder-und Hausmärchen* (Contos para Crianças e Famílias, 1812).

Um meio de definir se uma narrativa era um conto ou não, era exatamente a proximidade e a semelhança com o trabalho dos irmãos Grimm. Anos antes Arnim e Brentano publicaram uma obra: *Des Knaben Wunderborn* (A Trompa Maravilhosa), recolhendo o lirismo e a música que viviam no povo, a exemplo deles, Jacob e Wilhelm Grimm empenharam-se em redigir as narrativas populares nas múltiplas formas em que elas apresentavam.

Houve, contudo, uma oposição considerável entre Achim von Arnim e Jacob Grimm, e foi tão importante a diferença de opiniões entre eles, que impôs os fundamentos do conto. Arnim defendia que "não existia oposição entre poesia popular e poesia erudita", mas para Jacob Grimm "a poesia popular sai do coração do Todo, mas a poesia artística sai da alma individual", ou seja, a primeira é uma criação espontânea, enquanto a segunda é uma elaboração. E ainda acrescenta que no processo de tradução o filólogo tem que estar atento e respeitar a originalidade dos textos. Arnim questiona-o afirmando que a poesia tem que partir do povo e ser levada ao povo. Mais uma vez Jacob fala sobre a grandeza dos poetas e da poesia antiga, não sendo simples produto da invenção humana. As coisas novas existem, são o essencial, é necessário empregar todos os meios para animá-las e aperfeiçoá-las - sobretudo por meio da tradição, das coisas antigas, do fundo popular.

Grimm e Arnim por meio desse debate, que é idêntico as distinções entre conceitos, desenvolviam as noções de poesia natural e poesia artificial, e nos reconduz ao conto, pois Arnim, sabendo que Grimm é filólogo questiona a probabilidade das traduções serem totalmente fiéis aos textos originais, já que ele defendia tanto uma "poesia superior, erudita", pergunta ainda se na tradução do livro *Kindermärchen* (Contos Infantis) foram transcritos tal qual ele escreveu, porque na opinião de Arnim, quando traduzimos as obras estamos perpetuando-a, e é impossível que a tradução seja tal qual está escrito o texto original. Filólogo sério e demasiado sincero, Grimm reconhece que não é possível reproduzir uma obra totalmente fiel no processo de tradução, mas que a ideia principal do texto precisa ser mantida. Ele

reconheceu que no conto há um "fundo" que pode se manter perfeitamente original, mesmo contado e recontado por quem quer que seja.

Para Nádia Battella Gotlib, conto é uma literatura de difícil conceituação, ela afirma que para alguns autores, os contos egípcios — *Os contos dos mágicos* — são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4 000 anos antes de Cristo. Segundo ela tratar da *teoria* do conto é aceitar uma luta em que a força da teoria pode aniquilar a própria vida do conto. O conto resume-se em contar histórias inventadas, que pode ser inicialmente escrito e depois contado, ou ser contado e depois escrito. E como ele é pensando no plano literário, e carregado de valores se diferencia do simples relato.

A Composição literária causa, pois, um efeito, um estado de “excitação” ou de “exaltação da alma”. E como “todas as excitações intensas”, elas “são necessariamente transitórias”. Logo, é preciso *dosar* a obra, de forma a permitir sustentar esta excitação durante um determinado tempo. Se o texto for longo demais ou breve demais, esta excitação ou efeito ficará diluído. Torna-se imprescindível, então, a leitura das características do conto, para se conseguir certa unidade de efeito.

2.2 A Historicidade do Gênero Conto

Ao se falar do surgimento do conto, Infante (2001) afirma que ele é tão velho quanto a própria história do homem ou até mais antigo ainda, quando se observa a transmissão de informações dos primatas através dos grunhidos, dando assim origem a onomatopeia que mais tarde seria a epopeia, cantada ou escrita, de contos inteiramente em prosa. Assim, o surgimento do conto está atrelado à transmissão oral de fatos, no ato de contar histórias, muito antes do surgimento da escrita, com a capacidade de transportar o homem a momentos remotos.

O autor explica que o homem é o único animal que faz fogo, assim como o contista é o único ser humano que faz contos. Esses contos seriam, por exemplo, narrações de um dia de caça perdido no encalço de um cervo branco com um chifre na testa. Os contos não perduraram nas paredes da caverna, mas não se perderam: foram reencontrados, contados, na memória coletiva, passando de geração a geração.

Segundo Gotlib (2003), com o decorrer da história o ato de narrar oralmente um acontecimento evoluiu para o registro escrito da narrativa. Quem narra passa a expressar uma preocupação maior com os aspectos criativos e estéticos da história. Ela cita Dionísio da Silva, em sua obra Teoria do Conto, afirmando que:

> Os homens têm sido contistas desde priscas eras (...) Jesus foi um extraordinário contista, ainda que jamais tenha escrito um único e escasso livro (...) Criativo, inovador, o famoso nazareno inventou contos fascinantes. Basta dar uma olhadinha nas parábolas (...) São contos, por exemplo, numerosas narrativas bíblicas (...) O Pantschatantra, hindu, está cheio de contos. As mil e uma noites são um verdadeiro panegírico do gênero. O Edda, escandinavo, é uma reunião de contos. O Beowulf, teuto-bretão, também. As nossas lendas indígenas são contos. As anedotas e piadas são contos. A prosa popular é, pois, muito chegadinha a um conto. (SILVA, apud GOTLIB, 2003, p.17)

Infante (2001) argumenta que o próprio desenvolvimento da religião está ligado ao dos contos:

> Séculos mais tarde, outro contista pegou o mesmo conto, embelezou o cervo branco e o converteu em mito ao chamá-lo unicórnio. Embora a experiência fosse alheia, tomou e fez seu o tema do unicórnio perdido. Muitos séculos mais tarde, outro contista enfeitou com metáforas (isto é, embelezou poeticamente) esse animal único com seu único chifre. Passados outros tantos séculos, o homem que conta já havia aprendido a escrever (e, é claro, a ler), e outros animais e outros homens que se transformavam em animais povoaram com contos o que chamamos mitologia, mas que para eles era essa transcendência chamada religião. (INFANTE, 2001, p. 05)

Segundo o autor, mais tarde, quando outros homens já não acreditavam mais nessa religião esses textos passam a não ter mais aqueles primeiros contos contados em volta de uma fogueira numa caverna. Isso fez do conto o gênero literário mais antigo e mais proteico. O conto proteico aparece na Idade Média, vestindo os versos do romance e da aventura, adquirindo o tom mágico, quase místico que lhe é característico. Contudo, o conto, sempre recomeçado, reaparece onde menos esperariam os trovadores medievais: no Oriente.

Gotlib (2003) afirma que é no início da Idade Moderna que o conto se consolida como literatura. De acordo com a autora, três livros são considerados os precursores do gênero: *As mil e uma noites*, *Canterbury Tales*, de Chaucer, e *O Decamerão*, de Giovanni Bocaccio. Estas obras apareceram no Ocidente no século

XIV e disseminaram-se pelo mundo nos séculos XVI e XVIII. A autora salienta que o conto popular surgiu no século XVII, com Charles Perraut em 1697, que publicou os primeiros contos populares franceses, que incluía histórias que foram perpetuadas ao longo dos tempos, como *A Gata Borralheira*, *Chapeuzinho Vermelho* e *O Gato das Botas*.

Já no século XIX, com as obras dos irmãos Grimm, na Alemanha, e Hans Christian Andersen, na Dinamarca o interesse das pessoas pela literatura popular se intensificou. Em Portugal destacaram-se nessa tarefa investigadores como Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Leite Vasconcelos e Consiglieri Pedroso. O próprio Almeida Garrett recolheu no seu Romanceiro inúmeras narrativas em verso, que são afinal parentes próximos do conto popular.

O século XIX foi o mais fértil para produzir autores de contos. Destacam-se Edgar Allan Poe, Machado de Assis e Sherazade (a voz feminina que conta histórias nas mil e uma noites). Escritores amadores se valem das coletâneas e antologias para publicarem seus contos.

Andrade (2015) afirma que o século XIX também foi o século dourado do conto, no Brasil também havia escritores desenvolvendo esse tipo de narrativa. Álvares de Azevedo, com *Noite na Taverna*, é visto como um dos precursores do conto literário brasileiro. Outro autor relevante foi Machado de Assis, que produziu uma vasta literatura do gênero, e tanto escreveu à maneira de Poe, quanto à maneira de Tchekhov. Vale destacar também que os autores que foram os pioneiros como Machado de Assis e Aluízio Azevedo que ao longo de seus trabalhos foram abrindo espaço para Clarice Lispector, Lima Barreto, Otto Lara Resende e Lygia Fagundes Telles.

A autora segue explicando que:

> O estilo narrativo denominado conto passa a ter, em nosso país, um grande destaque. No início do século XX, surgiram escritores como Simões Lopes Neto, que deu um novo tratamento ao tema regional; Lima Barreto, que escreveu como forma de contestar as injustiças sociais do Rio de Janeiro; e Monteiro Lobato, que escreveu seus contos para denunciar as relações de poder e autoritarismo em São Paulo. (ANDRADE, 2015)

Esse estilo narrativo cresceu incontestavelmente no Brasil a partir do período modernista, no que a literatura, através do gênero conto, revelou grandes autores

como João Antônio, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Guimarães Rosa, entre outros. Através de curtas narrativas esses autores revelavam denúncias sociais, o chamado conto sócio-documental, como também apresentavam personagens que questionavam sua existência como sujeito do e no mundo, trazendo o aspecto de conto de introspecção, assim como histórias em que os acontecimentos ultrapassam a realidade e se misturam com a fantasia, os contos visionários, contos fantásticos e contos fantásticos alegóricos.

Ainda segundo Andrade (2015) nesse período, não só o Brasil, mas toda a América Latina produzia contos de qualidade inquestionável. Também são dessa época as narrativas curtas de Jorge Luís Borges (Argentina), Júlio Cortázar (Argentina), Óscar Cerruto (Bolívia), Gabriel García Márquez (Colômbia), Antonio Skármenta (Chile), Alfredo Echenique (Peru), Senel Paz (Cuba), Mario Benedetti (Uruguai) e vários outros autores que trouxeram para a Literatura da América Latina os olhos literários do mundo.

Gotlib (2003) diz que mais tarde, o conto passou de sua forma tradicional, para transformar a ação e o conflito pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final e um fundo de lição moral. Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Anton Tchekóv, são alguns dos autores de contos clássicos que mais influenciaram a formação do conto moderno, visto que para a autora o conto é um dos gêneros narrativos mais escritos e, consequentemente, mais lidos no mundo todo, um exercício literário muito difícil.

2.3 Características do Conto

O conto é primeiramente um texto ficcional, uma das formas narrativas mais antigas para transmissão de mitos, fábulas e lendas tanto pela oralidade quanto de maneira escrita, tão antigo quanto a própria humanidade, presente na literatura de diversos povos e culturas. A origem etimológica do vocábulo conto remonta a primeiro momento ao latim *computare* que teve sua significação na enumeração de acontecimentos. Posteriormente outra conotação do termo foi como palavra derivante de *contu* (latim), ou do grego *Kóntos* (extremidade da lança).

André Jolles (1976) conceitua o conto oral como uma forma simples, como uma forma simples que apresenta uma linguagem que permanece fluida, aberta,

dotada de mobilidade e de capacidade de renovação constante. Para o autor o conto representa um universo de personagens e acontecimentos que se desenvolvem na fantasia, na ficção, num ambiente conciso que se define pela sua pequena extensão, de estrutura fechada, desenrolando apenas uma história e tem no clímax seu ponto mais elevado de emoções.

Gotlib (2003) afirma que o conto popular é um texto narrativo curto, que procura a mesmo tempo entreter e educar o ouvinte, sendo geralmente aficionado ou com um fundo presumivelmente verídico sem que isso constitua um aspecto essencial na avaliação do ato narrativo em si mesmo. Geralmente tem uma origem anônima e que faz parte da tradição oral de uma comunidade, refletindo os mais variados sentimentos da alma de um povo, seus costumes, valores, tradições, vícios e conduta. Ainda Gotlib ressalta que:

> O conto é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e um só personagem principal, contém um só assunto cujos detalhes são tão comprimidos e o conjunto do tratamento tão organizado, que produzem uma só impressão. (GOTLIB, 2003, p. 16)

Dessa forma, o conto não se empenha em representar um acontecimento de maneira a nos dar a sensação de realidade, mas prefere trabalhar constantemente no plano do maravilhoso, ou como disse Jacob Grimm, é poesia da natureza, "criação espontânea". O que é contado no conto corresponde a nossa busca pelo maravilhoso, mas não corresponde a realidade, só podem ser concebidos de tal maneira no conto. Assim sendo: pode-se aplicar o universo ao conto, e não o conto ao universo. Perrault em seu livro "*Contes du temps passé avec des Moralités"* (Contos do Passado com Moralidades), reforça esse aspecto de moral da história, onde o bem é recompensado e o mal punido, e isso desenvolve na criança o desejo de se assemelhar ao que acontece aos contos, onde ser bom traz felicidade e ser ruim, leva a punição.

Outro fator importante de análise das características do conto é o papel do/da personagem, a escritora Beth Brait (1985) percorre a história para refletir sobre a concepção da personagem. Ela começa com os princípios aristotélicos da Grécia Antiga para expressar a preocupação com o que era imitado. Brait aborda um ponto fundamental para a compreensão de certos tipos de personagens, a verossimilhança interna da obra, exaltando não só por sua finalidade para arte mas para o lado da moralidade humana.

Já na segunda metade do século XVIII há o declínio das concepções aristotélicas da personagem como a representação do universo psicológico de seu autor. De acordo com a autora, no início do século XX o conceito de personagem sofre uma grande metamorfose, acompanhando significativas modificações nas narrativas dos autores, que passam a dar visibilidade a personagem por sua especificidade como um ser de linguagem.

Brait (1985) relata a importância da personagem nos romances, demonstrando como as personagens agem umas sobre as outras e revelam-se umas pelas outras. A autora acredita que a personagem tem inúmeras possibilidades de formas de existência, e essa condição pode solidificá-la na memória do leitor. É preciso, portanto, partir da sensibilidade do autor ao construí-la para criar a possibilidade de uma escrita com abertura a mais de uma interpretação, equilibrando características de personalidade com os artifícios linguísticos e literários, aspectos determinantes para uma personagem diferenciada.

Nem todo personagem do conto consegue satisfazer a essas regras, o gato de botas por exemplo, foi mal e agiu de maneira ruim, quanto a bela adormecida talvez não fosse tão virtuosa quanto parecia. Mas o que nos interessa é que nem sempre as aventuras e os personagens do conto nos propiciam a impressão de serem verdadeiramente morais, mas é inquestionável que nos trazem uma certa satisfação, correspondem as nossas expectativas e desejo de que acontecesse no universo semelhante ao que acontece aos contos, que seria o correto.

Indo além, Cândido et al. (1995) afirmam que no romance coisas, animais ou seres humanos são os personagens responsáveis pelas ações propostas no enredo. Assim, o enredo existe através das personagens e as personagens vivem pelo enredo, que é o conjunto de fatos que farão parte da história.

> (...) pensamos simultaneamente nas personagens e quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino - traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente (CÂNDIDO et al., 1995, p. 53).

Outro aspecto importante apontado por Cândido (1995) é o papel do narrador para a construção do personagem, pois é o foco do narrador que dá sentido ao personagem, que pode ser narrado tanto em primeira quanto em terceira pessoa. Quanto o narrador está em terceira pessoa o personagem fica em suas mãos,

materializando o foco narrativo de maneira progressiva; quando o narrador está em primeira pessoa ele pode revelar durante a narrativa parte de sua personalidade e características, mesmo não estando no centro do momento narrativo, pois o enredo é apresentado através de sua perspectiva.

Gotlib (2003) afirma que dentre outras coisas, o conto também é capaz de despertar não só a moralidade, mas também o sentimento de justiça, que só se resolve quando as coisas voltam ao equilíbrio, como em "A Cinderela", que foi maltratada e humilhada, resistiu e lutou pacientemente, até que alcançou a felicidade.

Propp (2001) afirma que o conto opõe-se ao universo da "realidade", e exerce sua ação em dois sentidos: por uma parte, toma e compreende o universo como uma realidade que ela recusa e não corresponde a sua ética do acontecimento; por outra parte, propõe e adota um outro universo que satisfaz a todas as exigências da moral ingênua. Os gestos verbais do conto estão prenhes de trágico e de justiça, na acepção da moral ingênua. Mas simultaneamente, semelhante gesto verbal está sempre impregnado do poder que aniquila a realidade imoral e, de um modo ou de outro, significa sempre o maravilhoso, assim como o tempo, o lugar e as personagens.

Ainda segundo o autor, conto é uma literatura de difícil conceituação, ela afirma que para alguns autores, os contos egípcios — *Os contos dos mágicos* — são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4 000 anos antes de Cristo. Segundo ela tratar da *teoria* do conto é aceitar uma luta em que a força da teoria pode aniquilar a própria vida do conto. O conto resume-se em contar histórias inventadas, que pode ser inicialmente escrito e depois contado, ou ser contado e depois escrito. E como ele é pensando no plano literário, e carregado de valores se diferencia do simples relato.

Portanto, é possível notar que o conto popular está enraizado nas narrativas tradicionais que são reproduzidas de geração em geração, oralmente, quer dizer de “boca a boca”. Assim sendo, podem existir várias versões de uma mesma narrativa, já que há contos que prevalecem com sua estrutura semelhante embora com diferentes abordagens de quem os transmita ao longo do tempo. Assim, é importante que se observe a historicidade do conto, com seu surgimento e modificações que acompanham as próprias mudanças sociais, como faremos a seguir.

A par das características e historicidade do gênero conto, bem como da temática da morte dentro da literatura, passemos ao próximo capítulo, onde será analisada a morte na obra *Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte,* de Eduardo

Mahon, mais especificamente nos contos “Motivo Fútil”, “Viúva Negra” e “Segunda Morte”. Para tanto, buscar-se-á averiguar a forma de abordagem da morte nas narrativas curtas, assim como seu impacto e agradabilidade ao leitor, através dos recursos criativos que agregam ordem estética aos referidos contos.

3. ANÁLISE DOS CONTOS SELECIONADOS

3.1 Materiais, Métodos e Delimitação da Análise

A presente pesquisa se iniciou com sua proposta na disciplina de TCC I, a partir da seleção, leitura e resenha de material teórico e crítico acerca do tema escolhido, sendo escolhidos os contos Motivo Fútil, Viúva-Negra e Segunda Morte, da obra Doutro Funéreo e Outros Contos de Morte, de Eduardo Mahon. Dessa maneira, a análise se deu a partir da pesquisa bibliográfica, constituída de conteúdo

previamente elaborado e publicado na forma de livros, artigos e demais impressos, também em documentos disponíveis na internet.

Para Sonia Moreira (2009) a pesquisa bibliográfica é, ao mesmo tempo, método e técnica. Método porque pressupõe o ângulo escolhido para se proceder a análise de determinada situação. Técnica porque se trata de um recurso que complementa todas as outras formas de obtenção de dados, como a entrevista ou o questionário. Esse tipo de método pode qualificar, devido ao teor do conteúdo a ser analisado e pela própria intensidade da investigação, ou quantificar, reunindo a quantidade de informações para o corpus da análise.

Seguindo essa abordagem, mais detalhadamente, as etapas metodológicas utilizadas para a produção da pesquisa foram as seguintes: a compreensão teórica do tema do trabalho via levantamento bibliográfico; e a análise dos contos, a partir da interpretação teórica acerca do que foi levantado.

Para Moreira (2009) a análise do conteúdo narrativo é uma forma de relação entre o enunciar e o interpretar, estabelecida através do auditório cultural, da convivência social, interesses, desejos e necessidades comuns, também se estabelece por meio de uma hierarquia de poder. Numa perspectiva fenomenológica, a análise de conteúdo busca interpretar o fenômeno de maneira sistemática e dinâmica, compreendendo as diversas camadas significativas do objeto empírico, dentro de uma linha de interesse.

Assim, a presente pesquisa buscou uma análise qualitativa da morte através da ótica do autor Eduardo Mahon, em três dos contos que compõem a coletânea de sua obra, pela peculiaridade como o tema é tratado. Os contos do livro Doutor Funéreo e outros Contos de Morte faz o leitor refletir palavras de Gotlib:

> “[...] o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção. [...]”. (GOTLIB, 2003, p. 34)

O fio interpretativo condutor dessa investigação foi levar em conta a contextualização social e literária do autor. Portanto, buscou-se apontar as características do pensamento e abordagem de Mahon sobre a morte, embasado no contexto do conto literário, sob a ótica da análise do conteúdo.

3.2 Sobre o Autor e a Obra...

Eduardo Mahon é articulista, polemista, advogado, professor de Criminologia, Direito Penal e Processual Penal e membro do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. Ingressou na Academia Mato-grossense de Letras em 2007, ocupando a cadeira nº11, cujo patrono é Augusto João Manuel Leverger, o Barão de Melgaço. Escreveu o livro de Contos *Doutor Funéreo e outros contos de morte*, usando de ironia e bom humor para tratar do tema. Trata-se de uma coletânea de contos que compartilham do mesmo assunto: A morte. Mas estas histórias trazem mesclada entre os parágrafos uma outra proposta: a de fazer com que a linguagem dinâmica e acessível desperte e atenda as expectativas e necessidades do leitor contemporâneo.

Mahon defende a ideia de que um conto não deve ultrapassar o limite de seis a oito parágrafos, de forma que quando a pessoa abrir o livro, o conto vai estar inteiro na mesma página. “A maneira de se comunicar atualmente mudou. Os livros, além da qualidade, precisam se apresentar de uma maneira mais dinâmica, atraente, de forma a seduzir o leitor”, explicou Mahon.

O livro *Doutor Funéreo e outros contos de morte* impressiona pela forma como o texto prende a atenção do leitor e pelo tamanho dos contos, houve então a necessidade de entender o conceito do conto, como feito no capítulo passado, e qual era a proposta do autor. No mundo atual onde ter tempo é regalia, um privilégio, Eduardo Mahon propõe textos de linguagem simples e ao mesmo tempo muita rica, onde ele consegue oferecer esse "universo maravilhoso, cheio de moralidades e de sentimento de justiça", lidos em uma assentada só, que é a proposta do conto.

O conto "Motivo Fútil" conta o drama de um garçom que matou seu colega de trabalho com um espeto e, mesmo confessando tudo, se negava a dizer o motivo do crime. O delegado ficou deprimido, sem conseguir solucionar o crime e pediu demissão do cargo. Os investigadores seguiram seu exemplo, e como o caso não se solucionava, o gabinete de segurança foi todo demitido pelo governador, alegando incompetência. Anos se passaram, e o ex garçom se negava a receber visitas, com exceção de um investigador. Ao ser questionado pela enésima vez sobre o motivo do crime, ele solta um suspiro, cansado de tanta insistência, e diz que os clientes nunca aceitavam o lambari frito que ele oferecia, e o cachara que seu colega oferecia nunca

sobrava na bandeja. Seu pedido para trocar de bandeja com o colega foi negado, e um dia seu orgulho de garçom falou mais alto.

O conto além de prender a atenção do leitor do começo ao fim, traz à tona peculiaridades negativas existentes no ser humano, que levaram um homem a matar seu colega por motivo fútil, mas que a justiça prevaleceu e ele foi preso. Não são contos voltados para trabalhar a personalidade infantil, mas foram escritos pensados no jovem e no adulto, que uma vez tendo conhecimento dos pilares certo e errado, bom e ruim, podem transmitir aos demais com satisfação. A leitura educa e humaniza em sentido profundo, que nem nós mesmos somos capazes de compreender.

No conto "Viúva-negra", o autor narra a história de uma velhinha que por mais que cuidasse maravilhosamente bem dos seus ex-maridos, fatalidades levaram a óbito os quatro que ela teve. As más línguas insistiam em chama-la de viúva negra, e dessa maneira afastavam as chances de ela arrumar um novo companheiro. Certo dia ela conheceu um homem também viúvo, e mesmo sendo informado da fama da velhinha, decidiram se casar. Antes de completar o segundo ano juntos ela faleceu. No velório as amigas dela não sabiam se davam os parabéns, ou os pêsames a ele, por ele estar vivo. Entre um pai-nosso e outro descobriram que ele tinha o apelido de Escorpião, que havia sido escondido para evitar o mau agouro. Ele era viúvo da sexta esposa, e nem por isso deixou de acreditar no amor.

"Segunda Morte" conta a história de uma mulher impecável em todos os aspectos, religiosos, sociais e morais. Na juventude lutou contra o preconceito e desigualdade, defendendo as feministas. Era independente financeiramente, serviu na guerra e casou-se com um coronel. Era respeitada e bem vista na sociedade, uma dama forte, um exemplo. Após sua morte, escolas, creches e abrigos, centros de convívio de idosos e até praças foram batizados com seu nome como homenagem. O casarão onde ela nasceu se tornou um museu. Tão grandiosa socialmente, em família era uma grande dominadora, seus filhos não eram reconhecidos em nada, eram apenas *filhos de uma grande mulher*. Cresceram amargurados e, ressentidos, resolveram contratar um escritor de fora para escrever sua biografia, em meio a inúmeros biógrafos que disputavam tal direito. Afirmaram que ela era puta, teria sido resgatada pelo coronel em um bordel, onde já encontrava grávida do segundo filho de pai desconhecido. O nome dela foi enxovalhado. Foi a segunda morte: a morte moral que, essa sim, é perpétua.

Mais uma vez o conto destaca questões de moralidade e de sentimento: o primeiro discorre sobre o falatório da vida alheia, a maldade velada encontrada nos apelidos de ambos os viúvos, o verdadeiro comportamento da velhinha em relação a seus ex maridos, e a ironia do viúvo que, mesmo depois de perder a sexta esposa, nunca deixou de acreditar no amor; o segundo sobre o ressentimento e a amargura por viver à sombra de um nome influente, e de como uma informação a respeito da moral e da ética tem peso, reafirmando que a morte moral é, sem dúvida, perpétua. Novamente entra a questão do bem e do mal.

3.3 Análise do Conto "Motivo Fútil"

O conto Motivo Fútil trata da investigação do assassinato de um garçom por seu colega de profissão sem motivo aparente. O Caso do Espeto seria o primeiro grande inquérito apurado pelo investigador que tinha ânsias de subir à chefatura ou até mesmo à Secretaria de Segurança Pública. O fato foi que um garçom matou o outro com o espeto de colocar o cachara na brasa e, apesar de ter desonerado a polícia de todos os tramites investigatórios, confessando de pronto o homicídio, não revelou qual fora o motivo.

No julgamento, ainda se negando a conta a causa, deixou mesmo os jurados em fúria, entrando a ocorrência para os anais policiais. Isto, por sua vez, aguçava ainda mais a curiosidade do investigador, que não entendia como uma pessoa que sempre foi considerada "boa praça" por todos tivesse cometido aquele crime. Os anos se passaram, com o garçom atrás das grades, se recusando a contar o motivo e recebendo apenas a visita do investigador.

Abordando-o pela enésima vez, após um longo e profundo suspiro, o investigador conseguiu fazer com que o garçom falasse o motivo: "É que meus clientes nunca aceitavam o lambari frito que eu era obrigado a servir e os clientes dele amavam o cachara na brasa. (...) Um dia, não aguentei, doutor. Meu orgulho de garçom falou mais alto."

Observa-se aí que a morte no conto, assim como em toda a obra, é tratada com ironia e bom-humor, através de uma linguagem dinâmica e acessível, que desperte e atenda as expectativas e necessidades do leitor contemporâneo. É importante ressaltar que todos os contos do livro não ultrapassam de seis a oito

parágrafos, de forma que quando a pessoa abrir o livro, o conto vai estar inteiro na mesma página.

No conto, Mahon desenha a morte com todos os aspectos das imperfeições humanas, pois a liga a todos os sentimentos ruins que uma pessoa cultiva em suas relações sociais. O desfecho da história mostra o quão fútil foi o motivo que levou um garçom a assassinar o outro. A morte nada mais foi que uma maneira de fazer o garçom pagar pela inveja e orgulho ferido de seu companheiro de trabalho, também serviu para alimentar a ambição do jovem investigador em seu primeiro grande caso.

O conto também não deixa de retratar de certa forma a realidade, pois não raro os assassinatos que se vê nos noticiários são consequência de conflitos e picuinhas banais, contudo, o autor atribuiu ao cenário da história o tom sarcástico que caracteriza toda a obra, dando leveza à tragédia.

Quando Morin (1997) afirma que o homem conhece a morte e por isso mantem seu extinto de defesa e sobrevivência pode-se perceber que no conto isso vai mais além, a morte deixa o âmbito da defesa e passa ao ataque, configurando a vingança. Citando Silva (2010) percebe-se a carga sentimental que envolve a morte no conto, dos conflitos oriundos da convivência física entre os envolvidos. A morte não só destrói, mas funciona como a alavanca que motiva o personagem do investigador, que vê no evento uma maneira de conseguir sua ascensão profissional.

Por fim, a morte no conto procura mostrar como a vida humana não é tão valorizada como o orgulho e a ambição. O motivo fútil que levou um garçom a matar o outro apresenta face mesquinha da natureza humana, que vê na morte a solução para seus problemas sociais e profissionais.

3.4 Análise do Conto “Viúva-Negra”

O conto Viúva-Negra retrata a história de uma senhora simpática, que durante a vida passou por quatro casamentos, dos quais ficou viúva. Era uma velhinha muito boa que nunca havia feito mal para nenhum de seus companheiros. Seus dois primeiros maridos morreram de diabetes, o terceiro de ataque cardíaco fulminante e, finalmente o último faleceu de trombose. Ela então acaba recebendo o apelido de viúva-negra, o que a deixava bastante triste.

Num biriba de fim de semana junto com as amigas conheceu um solteirão, também viúvo, que gostava de dança de salão. Após alguns encontros e o primeiro beijo ela resolveu abrir o jogo com ele e contar sobre sua má fama, contudo, ele não se deixou abalar e aceitou o relacionamento dizendo que resistiria. As formalidades matrimoniais foram rápidas devido à idade avançada dos noivos, os familiares e amigos mais preocupados do que contentes, e o esperado óbito veio antes de completar dois anos de casados.

Todas as amigas compareceram no velório e não sabiam se davam ao homem os pêsames pelo passamento da esposa ou os parabéns por ter sobrevivido à viúva-negra. O que todos não sabiam é que o apelido dele era escorpião, que ele não contou para a noiva para evitar mau agouro, por ter ficado viúvo de seis esposas sem nunca ter desistido do amor.

Neste conto, Mahon trata mais uma vez da morte com bom-humor e ironia, relacionando morte, casamento, expectativa e desafio. O autor trabalha com o inesperado, principalmente no desfecho do conto, no qual se espera que a mulher fique viúva novamente, mas o surgimento de informações sobre o homem revela que o improvável aconteceria, ele foi quem ficou viúvo. Mahon se usa do tema morte para explorar como a sociedade enxerga pessoas que passam por muitas associações conjugais ficando viúvas, como se um mau agouro as perseguissem, como se fossem responsáveis pelo óbito de seus companheiros.

Assim, o relacionamento entre duas pessoas muitas vezes viúvas representa o risco, como Morin (1997) afirma que a morte é um paradoxo, no qual o homem, ao mesmo tempo que tem horror a ela se expõe constantemente. É importante salientar que o conto aborda também o luto e os ritos funerários. Lira (2010) diz que os funerais são de certa forma um acontecimento social, observado no conto pela curiosidade dos amigos e parentes que foram no velório da viúva-negra e não sabiam se lamentavam ou parabenizavam o noivo sobrevivente.

Por fim, Mahon trabalha também a questão do amor no conto, que mesmo a morte não consegue fazer com que os cônjuges desistam dele. Ele deixa implícito pela personagem da senhora bondosa a dor de perder um amor para a morte e mesmo a necessidade de se viver esse luto. Assim, no conto Viúva-Negra o autor trabalha a morte em relação aos relacionamentos e destes com a sociedade, abordando com graça as emoções que são comuns a esses institutos, como a saudade, a tristeza, o julgamento social, a esperança, as omissões e a desilusão.

3.5 Análise do Conto “Segunda Morte”

O conto Segunda Morte mostra a história de uma senhora que morreu, mas não morreu.... Ela se tornou um mito por suas várias conquistas, medalhas e títulos durante sua vida. Apesar de ser ranzinza, ao longo de um século de vida, foi jovem feminista, mulher independente e senhora influente. Sabia todas as informações históricas da província onde vivia, segundo o autor, “detinha o monopólio do passado”.

Apesar disso, todas as glórias que vivia não refletiam a verdadeira amargura que sentia por dentro, sempre fora uma mulher que reprimia a família, os filhos sempre viveram a sua sombra e os netos carregavam o peso de seu sobrenome, nunca seriam como ela. Isto por sua vez gerou uma grande rusga entre a matrona e sua família.

Quando ela faleceu muitos biógrafos disputaram os direitos de publicação da história de sua vida, tentando ganhar a simpatia da família, até que o acordo foi feito com um jovem que foi chamado a fazer a entrevista com a família. A família então, reprimida pela sombra da matriarca, revelou que ela foi puta num distante passado, sendo resgatada de um bordel pelo coronel com que se casara. Com a anuência da família e mesmo não sendo verdade o texto foi publica, acabando unanimemente com a reputação da senhora.

Foi a segunda morte da senhora, a família já não suportava mais a constante de sua lembrança ilibada em suas vidas. Assim, enxovalhar seu nome foi a maneira mais eficaz de afastar sua sombra da vida de todos.

Neste conto o autor Eduardo Mahon trabalha o valor simbólico da morte, a despeito da morte física existe também a morte moral. Imprimindo à análise os conceitos de Morin (1997), em sua antropologia da morte, percebe-se a morte como sendo apenas a cessação física do ser, que sobrevive a ela através da lembrança e do legado que deixa. Contudo, é importante ter em mente que a morte moral não depende da morte física, como acontece por exemplo nos casos de violência sexual de crianças e adolescentes.

Quando Lira (2010) cita Blanchot ele afirma que negar a morte é negar a própria essência humana, nem a morte física deixa tantas marcas de tristeza quanto à morte moral. Na primeira ainda existe a esperança da ressurreição ou da reencarnação, conforme a crença de cada um, mas na morte moral fica patente a falta

de sentido da vida, pela queda do caráter, atingindo a condenação máxima, em última instância, no que se refere à morte. Dessa forma, Mahon trabalha no conto uma família atormentada pela influência de sua matriarca, que mesmo depois de sua morte continua a assombrá-los, a ideia então foi “matar” a imagem que as outras pessoas tinham dela e assim enterrá-las de uma vez por todas.

Analisando sob a ótica de Silva (2010) observa-se a aceitação da morte física e a consciência humana dela, já que para a família foi quase uma libertação o falecimento da chefe opressora. Mas, ainda que estivessem a salvo da presença física da senhora, não conseguiram se ver libertos do imaginário social que ela deixou. Somente a mácula dessa imagem poderia acabar com o lugar histórico social que a matrona ocupava, a forma cirúrgica de fazerem isso foi inventando uma mentira que foi capaz de manchar o espírito da mulher, levando-a, juntamente com sua conduta, definitivamente para o além do esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As referências sobre os mais diversos assuntos existentes na literatura expressam o pensamento dominante de determinada época, assim como o meio social e cultural em que estão inseridos. Dessa maneira, a morte, desde a época aristotélica, permeia um cabedal de perguntas dentro do discurso ficcional e da teoria literária, que já tiveram toda a sorte de respostas, mas que ainda estão muito longe de aquietar a curiosidade humana acerca deste tema.

Em outras palavras, a morte constitui uma dimensão social e histórica do homem, que ao mesmo tempo tem que conciliar o medo da certeza de um fim desconhecido com o desejo da felicidade, imprimindo na literatura este paradoxo. O discurso ficcional do conto literário retrata este dilema quando coloca da morte como o amanhã de qualquer ser humano em consonância com a realidade, contudo, o conto agrega a ela o mistério da linguagem que gera a dinâmica com a qual o leitor percebe o pensamento literário do autor em determinado contexto histórico e social.

O livro *Doutor Funéreo e Outros contos de morte* impressiona pela forma como o texto prende a atenção do leitor e no tamanho dos contos, com uma coletânea de

contos que tratam da morte em várias nuances com muito sarcasmo e bom humor, que expressam claramente a proposta do autor. Visto que, atualmente, o conto é um dos gêneros narrativos mais escritos e, consequentemente, mais lidos no mundo todo, que apesar de fácil elaboração exige qualidade no exercício literário.

Assim, num mundo no qual ter tempo é regalia, um privilégio, Eduardo Mahon propõe textos de linguagem simples e ao mesmo tempo muita rica, onde ele consegue oferecer esse "universo maravilhoso, cheio de moralidades e de sentimento de justiça", lidos em uma assentada só, que é a proposta do conto. Sua composição literária causa, pois, um efeito, um estado de “excitação” ou de “exaltação da alma”. E como “todas as excitações intensas”, elas “são necessariamente transitórias”. Logo, é preciso dosar a obra, de forma a permitir sustentar esta excitação durante um determinado tempo. Se o texto fosse longo demais ou breve demais, esta excitação ou efeito ficaria diluído. Torna-se imprescindível, então, a leitura de uma só assentada, para se conseguir esta unidade de efeito.

Nas entrelinhas e nos silêncios dos contos “Motivo Fútil”, “Viúva-Negra” e “Segunda Morte”, o leitor pode encontrar sentidos e significados na fala dos personagens e do narrador que, além do medo, relacionam a morte com uma gama de qualidades e defeitos da natureza humana, como a inveja e o orgulho, indo de encontro a algumas certezas. A forma como Eduardo Mahon dialoga com seu interlocutor adentra o íntimo do ser humano, sua narrativa diferenciada e irônica, leva-o a um enfrentamento de emoções e fatos que se entrelaçam na teia da certeza do fim.

Desse modo, através do presente trabalho monográfico pode-se concluir que as reflexões a respeito da morte levantadas por Mahon representam a confrontação do imaginário coletivo com o nada. As indagações e metáforas, aliadas a uma linguagem humorística criam na cabeça do leitor as formas da dinâmica da ação do homem perante seu destino e os revezes de seu caminho. A estilística e domínio técnico demonstrados pelo autor na elaboração dos contos criam uma ambientação e atmosfera que desempenham um efeito de sentido que faz com que o leitor se veja nas realidades e personagens de cada conto, valorizando a experiência humana através dos questionamentos e reflexões sobre a morte.

Enfim, a narrativa curta dos contos “Motivo Fútil”, “Viúva-Negra” e “Segunda Morte”, de Eduardo Mahon, na obra *Doutor Funéreo e Outros Contos de Morte*, submete a capacidade criativa do leitor ao entendimento do implícito do paralelo entre

vida e morte, primeiro pela apresentação dos enredos e personagens, depois pelo estilo que coloca o tema de forma concisa, atraente e bem-humorada, transfigurada nas experiências do cotidiano. Em suma, a forma como Mahon coloca suas reflexões sobre a morte na obra, como uma ferramenta da cultura humana, perdura na memória do leitor não por seus traços mórbidos ou medonhos, mas por desnudar comicamente as vicissitudes da conduta humana perante ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Silvia. **Breve Histórico do Conto Literário.** Disponível em: < http://homoliteratus.com/breve-historico-do-conto-literario/>. Acesso em: 19/09/2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. – Os Pensadores

BLANCHOT, Maurice. **A Literatura e o Direito à Morte.** In: A Parte do Fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BRAIT, Beth. **A Personagem.** São Paulo: Ática, 1985. p. 28-68.

CÂNDIDO, Antonio; ROSENFELDT, A.; PRADO, Décio de A.; GOMES, Paulo E.S. **A Personagem de Ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1995.

CARLINI E CANIATO EDITORIAL. Doutor Funéreo e outros contos de morte. In: Blog Ler para crescer, Cuiabá, Maio de 2014. <https://carliniecaniatoeditorial.wordpress.com/2014/05/28/doutor-funereo/>. Acesso em: 07/12/2014.

GAZETA DIGITAL. Eduardo Mahon fala sobre seu novo livro. In: Revista Gazeta Digital, Cuiabá, Maio de 2014. <http://www.gazetadigital.com.br/video/play/id/22215/programa/5/t/eduardo-mahon-fala-sobre-seu-novo-livro>. Acesso em: 07/12/2014.

FRANCO, Ramon Barbosa. Morte é o tema do novo livro de Eduardo Mahon, presidente da Academia Mato-grossense de Letras. In: Blog O escritor Japim, Literatura Brasileira, Jun. 2014. <http://ramonbarbosafranco.blogspot.com.br/2014/06/morte-e-tema-de-novo-livro-de-eduardo.html>. Acesso em: 07/12/2014.

GOTLIB, Nádia Battella. 1946 - **Teoria do conto** / Nádia Battela Gotlib. 11 .ed. São Paulo: Ática, 2003. 95p. (Princípios; 02).

INFANTE, Guilhermo Cabrera. **Uma História do Conto.** Tradução de Sergio Molina. Folha de S. Paulo, Mais!, 30 dez. 2001, p. 5-13.

JOLLES, André. **Formas Simples**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

LIRA, André. **Ética, Finitude e Poesia:** Uma interpretação poético-ontológica da literatura e da morte. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46811>. Acesso em: 10/09/2016.

MAGALHÃES DUTRA, Hilda Gomes. **História da Literatura de Mato Grosso:** Século XX. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MEDEIROS, Stéfanie. Lançamento de livro de Eduardo Mahon reúne mais de 500 pessoas em festa cheia de novidades. In: Revista Olhar Conceito, Jun. 2014. <http://www.olhardireto.com.br/conceito/noticias/exibir.asp?id=4854>. Acesso em: 07/12/2014.

MELO, Fábio. **A Morte na Literatura.** Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/366731>. Acesso em: 10/09/2016.

MENDONÇA, Rubens de. **História da Literatura Mato-grossense.** Cáceres: UNEMAT, 2005.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise Documental como Método e como Técnica.** In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs.) Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PEIXOTO, Brissac Nelson. **Arte Brasileira na Era da Globalização.** In: Cultura Brasileira Figuras de Alteridade. Org. SOUZA MELO, Elaina Maria de. São Paulo, Hucitec, 1996, pp 107-12.

PITALUGA, Paulo; FERREIRA, João Carlos. **Literatura de Mato Grosso.** Quando Surgiu, o Aspecto Histórico e a Evolução da Escrita em nosso Estado. Disponível em: < http://www.mteseusmunicipios.com.br/cultura/literatura-de-mato-grosso/816>. Acesso em: 09/09/2016.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso.** São Paulo: Forense Universitária, 2001.

SILVA, Gabriela Farias da. **As Máscaras da Morte:** A ficcionalização da morte em três romances contemporâneos. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Letras/83556-GABRIELA_FARIAS_DA_SILVA.pdf>. Acesso em: 10/09/2016.

SOUZA, Necilda de. **O Rito Funerário em Autran Dourado.** (Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Orientador: Prof. Dr. Alamir Aquino Corrêa). Londrina, 2003.

ANEXOS